

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Regional	
Título: Os olhos de tila					Temática: Generalista	
2006/05/05	NOTÍCIAS DO DOURO – PRINCIPAL	Pág.19	Imagem: 1/1		Periodicidade: Sem periodicidade	Inv.: n.a.

OS OLHOS DE TILA

de António Cabral

**250 anos da
fundação da
Companhia Geral
da Agricultura das
Vinhas do Alto
Douro e da Região
Demarcada do
Douro.**



A poesia é mais verdadeira do que a história - Aristóteles

– Aqui é que é Valdigem, minha senhora?

– É sim, meu senhor: Baldige, a terra que Deus não quige.

Parei o automóvel, junto de uma ramada, saí mai-la minha mulher para dar uma olhadela por vinhas e casas brancas pousadas na encosta como pássaros em transe de canto e notei que a minha companheira de viagem ainda sorria. Sorria, pois, da parlenda da mulher que acabávamos de abordar, que tinha muita graça, sim, senhor, e que era a prova de que a tradição mantinha o que devia ser o nome oficial da aldeia – Baldige, um genitivo antroponímico (desculpem os leitores a intromissão linguística) derivado de Baldoigius,

através da forma Baldoigii, o qual pelo visto era um depredador suevo do século VI. Diluído o eruditismo como pedra de gelo em limonada, quis saber onde poderia ficar a casa ou quinta (se alguma delas ainda estava em jeito de se ver) do em seu tempo famoso Luís Beleza de Andrade.

A senhora engraçada tinha-se pirado, talvez por desconfiar dos sorrisinhos, talvez, e fomos-lhe no encalço.

Que não senhor, que já lhe tinham perguntado pelo figurão, mas isso eram coisas de antanho. E que lhe cheirava a potes de libras, lá isso cheirava. A mulher continuou o seu caminho com uma cesta de nêspas na mão a que faltava a meia dúzia que nos tinha oferecido, sem aceitar da nossa parte qualquer recompensa.

Sentámo-nos numa paredeca a

olhar o rio Varosa e a debulhar serenamente os sumarentos frutinhos. O sol vinha agora do alto do monte fronteiro, batia, naquele findar de tarde, com mãos cada vez mais leves, nos declives ondeados do monte de S. Domingos, sentíamos o que lhe restava de cristal, sobre os ombros, e a dizer não sei o quê a ums limoeiros que interrompiam voos, um pouco abaixo do lugar em que nos encontrávamos. Apetecia-me abrir um livro do poeta de Aldeia de Cima, ali perto, também caçador, mas melhor poeta do que caçador, sem dúvida. Ou antes:

*Fausto José, o poeta
e caçador de perdiz,
quando feria as palavras
sentia-se mais feliz.*

Lemos de facto alguns poemas de “É El-Rey que Vai à Caça”,

ao ritmo dos murmúrios da natureza, sentíamos-nos bem, pois sentíamos, naquela tarde fulva de Junho, e, antes de partirmos para Armamar aonde íamos a uma reunião da Confraria dos Enófilos da Região Demarcada do Douro, tivemos tempo de saber umas coisas interessantes sobre Luís Beleza (foi o que me disse a minha avó, que o soube da bisavó, etc. – garantia da informadora a que nos conduziu a mulher das nêspas que entretanto se tinha cruzado outra vez connosco).

*continua na próxima semana,
assim :*

.... Exactamente em Junho de 1754, a meio de uma manhã que teimava em ser dia aberto, apeia-se de cavalo ajazeado e nutrido um cavalheiro de jaqueta bem talhada e esporas reluzentes.